

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Solveig Nordlund – Um Percurso Singular
16 de Julho de 2022

E NÃO SE PODE EXTERMINÁ-LO? / 1979

CENAS DE KARL VALENTIN

1. “Valentin nas Lojas” / 2. “Valentin Canta” / 3. “Valentin na Orquestra” /
4. “Valentin no Trabalho” / 5. “Valentin faz balanço”

um filme de Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo

Realização: Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo / **Argumento:** a partir do espectáculo com o mesmo nome do Teatro da Cornucópia, conforme inscrito no genérico / **Títulos dos 5 episódios que compõem o filme:** 1. “Valentin nas Lojas” / 2. “Valentin Canta” / 3. “Valentin na Orquestra” / 4. “Valentin no Trabalho” / 5. “Valentin faz balanço” / **Fotografia:** Acácio de Almeida, Carlos Mena, Pompeu Mourato, Jorge Mergulhão / **Música:** Paulo Brandão / **Direcção de Som:** Paola Porru / **Cenografia e Figurinos:** Cristina Reis / **Caracterização:** Luís de Matos, Lucinda Maria / **Assistentes de cenografia:** Fernando Correia, Linda Gomes Teixeira / **Tradução:** Luiza Neto Jorge, Almeida Faria, J.A. Osório Mateus, Maria Adélia Silva Melo / **Interpretação:** Luis Miguel Cintra, Jorge Silva Melo, Raquel Maria, Isabel de Castro, Rogério Vieira, Ângelo Teixeira, António Bispo, Carmen Santos, Carlos Barreto Amaro, Luís Manuel Ramos, Nuno Vieira de Almeida.

Produção: Grupo Zero, Teatro da Cornucópia, Radiotelevisão Portuguesa/RTP / **Produtores:** Henrique Espírito Santo, Jorge Nascimento, José Pedro Gomes / **Cópias:** do Arquivo RTP, em ficheiro (original em 16mm, double band), cor (o primeiro episódio inclui uma introdução geral por Luis Miguel Cintra, a preto e branco) / **Duração total dos cinco episódios:** 156 minutos (32', 25', 43', 29', 27') / **Estreia:** 31 de Outubro de 1979, na RTP2 / **Primeiras apresentações na Cinemateca:** 9 de Outubro de 2013, “40 Anos do Teatro da Cornucópia” (“Valentin na Orquestra”); 13 de Novembro de 2013 (“Valentin nas Lojas”, “Valentin Canta”), com o Lisbon & Estoril Film Festival; 29 de Outubro de 2017, “Luis Miguel Cintra: o cinema” (versão integral).

Duração total dos cinco episódios: 156 minutos.

"A escada não sobe ou desce, nós é que subimos ou descemos a escada".

Produção conjunta do Grupo Zero, do Teatro da Cornucópia e da RTP, **E não se Pode Exterminá-lo?** foi um dos vários títulos que resultaram de uma colaboração entre essa Cooperativa Cinematográfica e a televisão portuguesa, documentando importantes trabalhos da Cornucópia, como também aconteceu com **Música para Si** e **Viagem para a Felicidade**, todos eles filmes realizados por Solveig Nordlund.

E não se Pode Exterminá-lo? é uma encenação para televisão de uma escolha de fragmentos de textos dramáticos do alemão Karl Valentin, que foram reunidos numa peça

com o mesmo nome, encenada por Jorge Silva Melo e estreada a 24 de Março de 1979 no Teatro do Bairro Alto, em Lisboa. Êxito extraordinário, este espectáculo tornou-se lendário e Solveig Nordlund e Silva Melo retomaram parte dos *sketches* do espectáculo da Cornucópia, acrescentando-lhes outros para uma versão filme destinada à televisão, como explica Luis Miguel Cintra na introdução ao primeiro episódio da série, em que descreve alguns dos princípios da adaptação dos textos e da construção da personagem do próprio Karl Valentin, autor (e actor) que foi um dos principais artistas cómicos alemães durante a República de Weimar, ainda hoje bastante desconhecido entre nós, quando comparado com outros autores alemães que muito influenciou como Bertolt Brecht.

O espectáculo da Cornucópia tinha cerca de duas horas de duração e estruturava-se em vinte e um quadros. A versão televisiva, que foi pela primeira vez exibida na RTP em Outubro de 1979, envolve cinco episódios e partiu do espectáculo, mas trabalhou-o com uma certa liberdade, dispondo os quadros de origem de uma outra forma. Os cinco episódios destinados à televisão tiveram como títulos: “Valentin nas Lojas”, “Valentin Canta”, “Valentin na Orquestra”, “Valentin no Trabalho” e “Valentin faz balanço”. Episódios apresentados por esta mesma ordem e que, à semelhança da peça, congregam em si múltiplas variações da personagem central que, ao longo das várias cenas é desdobrado por dois actores: Jorge Silva Melo e Luís Miguel Cintra.

Através de textos que revelam um humor sagaz, em que o sentido de cómico é acompanhado por uma acutilante dimensão crítica, resultante da transposição e consequente actualização à realidade portuguesa dos *sketches* que Valentin representava pelos cafés e teatros de Munique, Berlim ou Viena nas primeiras décadas do século XX, estes são episódios que partem de um teatro de cabaret assente em grande parte em jogos de linguagem e numa operação de desnaturalização da mesma, que coloca em causa frases feitas ou qualquer expressão idiomática. Assim, mais de quarenta anos após a estreia da peça, somos confrontados com a figura e o “método” verdadeiramente subversivo de Karl Valentin, que radica numa permanente interrogação sobre o sentido das palavras e das coisas, ao mesmo tempo que deparamos com o olhar de alguém que descobre o mundo pela primeira vez, convidando-nos a olhar para ele com novos olhos. Uma visão do mundo e um método de interrogação constante que o aproxima do dadaísmo.

Luis Miguel Cintra e Jorge Silva Melo dão assim sucessivamente corpo a um Valentin instrumentista que encontra o seu adversário no maestro que o dirige, um cliente exigente que desarma qualquer interlocutor, ou a um homem de múltiplos ofícios, que tudo coloca em questão para desespero de quem com ele se confronta. Tal como Chaplin (com quem muitas vezes foi comparado), ou tantas outras personagens cómicas oriundas do cinema ou da tradição teatral, é uma personagem que não se cristaliza em nenhuma destas configurações ou propriedades, antes flutua por entre elas. Valentin corresponde plenamente à imagem do homem moderno que se perde no meio das multidões das cidades, também descrito por Baudelaire, Benjamin, Poe ou mesmo Brecht. É o homem “sem qualidades” (Musil) que, por não se fixar, simboliza todos os homens, atravessando o mundo em crise e interrogando-o através da dúvida permanente e de uma interpretação literal das palavras.

Eis um fragmento de uma introdução ao espectáculo, que ilustra bem o pensamento que lhe subjaz: “Aqui falamos de *Valentin* – e é a sua situação no mundo, a sua “filosofia”, a sua relação com os outros o que nos interessa: aqui propõe-se um comportamento

inequivocamente subversivo. Daí que se ‘descabarete’ todo o espectáculo – e que se tente reconstruir a imagem de *Valentin* naquilo de que ele nos fala: um homem militantemente confuso, que atravessa a cidade.” Valentin-actor/autor atravessou as duas primeiras Grandes Guerras sempre a representar, mas Valentin-personagem “não tem armas. Defronta-se com a realidade apanhando-a de viés e por essa ponta começa a desbobinar”.

“Valentin faz balanço”, que encerra tanto a peça como a sua versão fílmica, é o episódio que nos revela mais claramente todo o alcance do texto e o momento em que foi escrito, através de um diálogo entre pai e filho que culmina no argumento da inevitabilidade da guerra enquanto indissociável do capitalismo (aquilo que “não pode ser exterminado”) e da condição humana (“Enquanto há homens, há guerra”).

É perturbante perceber que o que a personagem e o texto preservariam de actualidade no final dos anos setenta é plenamente transportável para o tempo presente, numa história cíclica. Como diz Luis Miguel Cintra na sua apresentação do filme, “interessava-nos recriar esta personagem no que ela tem de pensamento sobre o homem contemporâneo”. Uma personagem que, na sua lógica sem sistema e culto do paradoxo, vive e pensa simultaneamente a realidade que vive, e cuja literalidade extrema e questionamento constante, a apanham e nos apanham de surpresa.

Joana Ascensão